

Estudo das interseções entre a nova retórica e o interacionismo simbólico de Erving Goffman

Study of the intersections between Erving Goffman's new rhetoric and symbolic interactionism

DOI: 10.46814/lajdv5n2-019

Recebimento dos originais: 18/09/2023

Aceitação para publicação: 18/10/2023

Marcelo Bafica Coelho

Doutor em Ciências Humanas e Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC - RIO)

Instituição: Universidade Federal Fluminense (UFF)

Endereço: Campus do Gragoatá, Blocos N, Rua Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/n, São Domingos, Niterói - RJ, CEP: 24210-201

E-mail: marcelobaco1@gmail.com

Marcia Regina dos Santos

Mestre em Sociologia Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) - Cândido Mendes

Instituição: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) - Cândido Mendes

Endereço: Rua da Assembleia, 10, Centro, Rio de Janeiro – RJ, CEP: 20011-901

E-mail: msantosmil@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem seu foco dirigido para a análise das proposições teóricas do cientista social Erving Goffman, mais precisamente para suas observações sobre as interações cotidianas, a partir dos termos e conceitos criados por ele, com o objetivo de encontrar pontos de diálogo entre a sua temática e as formulações provenientes da Nova Retórica, com destaque para as questões pertinentes ao campo educacional.

Palavras-chave: retórica, nova retórica, argumentação interacionismo simbólico, Erving Goffman.

ABSTRACT

The present work focuses on the analysis of the theoretical propositions of social scientist Erving Goffman, more precisely on his observations on everyday interactions, based on the terms and concepts created by him, with the aim of finding points of dialogue between his theme and formulations arising from the New Rhetoric, with emphasis on issues pertinent to the educational field.

Keywords: rhetoric, new rhetoric, symbolic interactionism argumentation, Erving Goffman.

1 O INTERACIONISMO SIMBÓLICO DE ERVING GOFFMAN.

O interacionismo simbólico é uma corrente teórica surgida, entre as décadas de 1930 e 1940, da visão de pensadores da pragmatista Escola de Chicago, como George Mead, considerado o precursor do movimento, Herbert Blummer, criador do termo, e Erving Goffman, apenas para citar alguns. Os

interacionistas argumentam que, para alcançar uma compreensão ampla do processo social, o observador precisa se apropriar dos *significados* que são experimentados pelos participantes em um dado contexto.

Erving Goffman, especialmente, privilegia o estudo do *significado* como um dos mais relevantes componentes para a análise e entendimento do comportamento humano e suas interações. Sua abordagem compreende o mundo social como uma rede de intersubjetividades resultante de ações dirigidas de um sujeito a outro.

Estas ações adquirem sentido porque os atores sociais compartilham do *significado dos sinais* trocados na interação. Mais ainda, tais significados podem ser entendidos compondo uma rede de sentimentos compartilhados na forma de compreensão e expectativas em comum. Há interação, portanto, porque todos os atores envolvidos compartilham os significados dos sinais/códigos (gestos, palavras – conscientes ou não).

Para analisar esses sinais ou códigos, o autor cria alguns conceitos a partir de uma analogia com o teatro, com a ação dramática. Sua visão entende a relação social entre indivíduos como uma “representação dramática do eu” em tais situações.

Assim, para aprofundar a análise das relações sob sua ótica, interessa-nos, inicialmente, conhecer como ele distingue os elementos constituintes deste panorama, ainda que o próprio autor os considere insuficientes. Os três principais são: *palco*, *atores*, *plateia*. *Palco* é o espaço da ação, que “apresenta coisas que são simulações” (GOFFMAN, 2011, p.9), o lugar no qual as pessoas constantemente manipulam seus gestos de modo a sustentar uma autoimagem desejada pelos outros e atender às exigências normativas da situação; *atores* são os indivíduos da ação, aqueles que se comunicam, que interagem; e *plateia* todos os demais participantes da ação, que são, também, atores.

Dentro de sua abordagem, existem ainda outros importantes elementos. *Papel* é a ação a ser desempenhada pelo ator ou atores, o que eles querem, precisam ou podem comunicar, pelas formas verbais e, para Goffman, principalmente pelas não-verbais; *Cenário* são os elementos presentes no palco, que podem influenciar a ação, a arrumação do espaço, os objetos ali presentes, sua simplicidade ou suntuosidade, ou mesmo a situação em si, como uma festa ou um velório; e *Bastidores*, lugar onde os indivíduos tiram suas máscaras, posto que estão livres das exigências sociais de comportamento.

Para explicar o desenvolvimento das interações a partir desses elementos, Goffman acrescenta, ainda, mais dois termos basilares: *Fachada* e *Linha*. Juntos, estes elementos promovem a “representação”. Assim, temos que *fachada* é “o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação” (GOFFMAN, 2011, p. 29). *Linha* diz respeito ao padrão de ações verbais e não-verbais escolhido pelo indivíduo para expressar sua opinião sobre a situação, sobre si mesmo e sobre os outros participantes.

Grosso modo, *fachada* estaria mais ligada à aparência física e à postura escolhida, agressiva ou cordial, elegante ou desleixada, por exemplo, e *linha*, ao comportamento propriamente dito, expresso nas palavras, gestos e expressões. Uma interação pessoal bem sucedida, portanto, implicaria uma harmonia entre todos esses elementos, que estariam alinhados entre si: fachada e linha nivelados, e em consonância com o cenário e a expectativa do público.

2 ALGUMAS CORRELAÇÕES DA ABORDAGEM DE GOFFMAN COM OS POSTULADOS RETÓRICOS

Neste estudo, entre pontos do Interacionismo Simbólico expressos por Erving Goffman e as formulações provenientes do campo de estudos da Retórica, inicialmente, cabe destacar que ambos os referenciais se apropriam de exemplos privilegiados, paradigmáticos, que utilizam como elementos auxiliares da compreensão do que se quer transmitir. Goffman, como vimos, trabalha com a metáfora dramaturgic. Analogamente, a retórica utiliza-se dos gêneros oratórios deliberativo, jurídico e epidítico para caracterizar ações similares às assembleias políticas, aos litígios jurídicos e aos elogios fúnebres da Grécia Antiga, respectivamente. É a partir destes discursos que temos as noções retóricas de *ethos*, *logos* e *pathos*.

Uma grande variedade de interações humanas pode, então, ser analisada através dos ferramentais analíticos de ambas as teorias. Na perspectiva de Goffman, o agente é comparado com o ator, enquanto que na classificação da retórica o chamaremos de *orador*. É este que possuirá um *ethos*, entendido como a dimensão que reúne as características que marcam aquele que profere o discurso, predispondo ou não a receptividade dos interlocutores.

O público para Goffman, conforme descrito anteriormente, é designado como plateia, enquanto que na arte originária dos gregos tais destinatários são chamados de *auditório*. No caso, é o termo *pathos* que diz respeito justamente às características do auditório, suas disposições e expectativas, podendo ir:

do próprio orador, no caso de uma deliberação íntima, quando se trata de tomar uma decisão delicada, até a humanidade inteira, ou pelo menos aos membros que são competentes e razoáveis e que eu qualifico como auditório universal, passando por uma variedade infinita de auditórios particulares. (PERELMAN, 1999, p.34).

É com o recurso destes instrumentais analíticos que diversas interações sociais podem ser analisadas. Goffman, em geral, parte do pressuposto de que as pessoas estariam constantemente, consciente ou inconscientemente, manipulando seus gestos (sinais/códigos) de modo a sustentar uma autoimagem desejada, para si próprio ou para os outros, e atender às exigências normativas de uma determinada situação.

Comparativamente, é como se houvesse em suas formulações uma ênfase nas características do gênero epidíctico, entendido, de forma ampla, como uma ação levada a cabo como o intuito de intensificar a adesão, reforçar os valores que se procuram fazer predominar num auditório. O agente, assim, na maior parte das vezes, procuraria conhecer o *pathos* do auditório e aperfeiçoar seu *ethos* dirigindo-o para atender de forma mais eficaz as exigências normativas de uma dada situação.

Goffman toca em diferentes questões interessantes para a análise dos comportamentos que, se estudadas isoladamente, poderiam derivar diferentes trabalhos, como: o grau de controle necessário para que o sujeito sustente a fachada concebida, e os aspectos que não podem ser manejados pelo indivíduo, estando, portanto, fora de seu controle; a crença ou não na mensagem que está sendo emitida, que pode alterar a emissão dos sinais, comprometendo a recepção e a leitura por parte da plateia; a coerção social exercida por um dado ambiente sobre o ator, que o força à utilização de determinada máscara; como um ator escolhe um determinado papel ou máscara, quando ele se vê frente a uma plateia formada por públicos diferentes, que lhe demandariam diferentes atuações; qual o nível de consciência, interpretação e/ou naturalização presentes nessas interações; ou, ainda, sobre a dificuldade que um ator teria em reverter, ou abrir mão de um papel estereotipado e construído por outros, ao qual ele aceitou se enquadrar por um determinado tempo e do qual quer, ou precisa, se libertar, entre outras.

Do mesmo modo, podemos dizer que o campo retórico também poderia trabalhar, se não todos, pelo menos, com a maioria destes temas. Como se sabe, Chaïm Perelman define a Nova Retórica como *o estudo dos meios de argumentação, não pertencentes à lógica formal, que permitem obter ou aumentar a adesão de outrem às teses que se lhe propõem ao seu assentimento*. Em vários momentos de sua obra, o autor indica que seus estudos se localizam em uma fronteira que tem como limites, de um lado, a lógica formal e de outro, as teorias psicológicas. Ou seja, é ampla a gama de possibilidades.

Uma diferença de ênfase entre as duas perspectivas é que a retórica trabalha muitas vezes com os processos discursivos, verbais enquanto que o interacionismo simbólico privilegia os elementos não verbais das interações. Cabe sublinhar, no entanto, que esta distinção não é rígida. Ela resulta dos objetivos iniciais, do processo histórico e de percurso traçado pelos autores de cada tradição. Embora não sejam redutíveis um a outro, estes campos de estudos têm interseções interessantes que podem ser exploradas.

3 UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE

Ao que parece, e em síntese, na visão de Goffman, o indivíduo, diante dos diversos processos de socialização nos quais se estabeleça algum tipo de relação pessoal entre atores, tende, ou está apto, a se encaixar num papel, idealizado, ou pré-estabelecido por uma situação ou pelos participantes desta e, neste caso, então, não se daria propriamente a elaboração de uma *fachada* pelo ator, e sim, apenas a

escolha de uma dentre aquelas possíveis, elaboradas previamente (pelo ator, em parceria com a sociedade, que lhe fornece a fôrma, na qual ele deve se encaixar).

Quase todo indivíduo é sabedor, ou está habilitado a perceber qual a fachada necessária para uma determinada situação. Pensando retoricamente, podemos dizer, igualmente, que, de forma mais ou menos consciente, todo orador forma uma imagem, quando argumenta, do auditório ao qual dirige seu discurso.

Tomemos como exemplo uma festa, cuja frequência é de pessoas de classe social e educação formal elevadas. Em um cenário como este, é sabido que não se deve falar alto, sentar-se de modo desleixado, comer de maneira grotesca, gargalhar espalhafatosamente, entre outras normas de bom comportamento instituídas. À exceção de sujeitos que não passaram por nenhum tipo de socialização, a grande maioria dos indivíduos de uma mesma sociedade, ainda que de diferentes classes sociais ou grau de instrução, traz consigo algum tipo de cognição, mesmo que inconscientemente, sobre o comportamento adequado, ou correto, para um evento como esse, e tentará se adequar à conduta majoritária, caso seu interesse seja ser aceito pelos demais.

Podemos supor, assim, que cada indivíduo seja possuidor de tantas fachadas, ou personas, ou papéis, ou máscaras sociais quanto o número de grupos que ele tem interesse em corresponder às expectativas, influenciar ou impressionar. Esse tipo de conduta costuma se dar de forma naturalizada, e até mesmo imperceptível para os atores envolvidos, demonstrando o grau de adaptação, e consequente controle sobre os impulsos, desejos, opiniões dos sujeitos, como forma de ceder espaço, de forma segura, a cada uma das personagens que ele necessita para as diferentes atividades e públicos.

Goffman atesta que existe uma natureza, uma persona natural que, mais ou menos conscientemente, escolhe (e conduz) as características de sua atuação. Ou seja, o sujeito elabora uma determinada concepção de si mesmo frente às relações com outros, e essa concepção, inicialmente forjada, vai se “naturalizando”, tornando-se parte integral da personalidade.

Entretanto, se é possível notar um relativo domínio do sujeito sobre suas ações verbais, o mesmo não ocorre com aquelas de natureza não verbal que, por não serem conscientes para o ator, estão fora de seu controle, e, no entanto, são de fácil percepção para o interlocutor, ou plateia/auditório, colocando o ator/orador em desvantagem frente ao público, pelo risco que corre de um “comportamento expressivo involuntário”.

Então, se é fato que o indivíduo atua com o interesse de manipular ou atender expectativas - ou nos termos do autor, “dar a entender”, “fazer crer”, “dar a impressão de” - e que ele conta com ferramentas e aptidão para isso, o que o levaria a trair-se, dando aos interlocutores uma impressão contrária àquela desejada?

Existe uma gama diversa de gestos involuntários e acidentes capazes de mudar o curso da interação e a impressão desejada, por suscitarem desconfiança ou dúvida na audiência: perda do controle muscular, ou uma queda, tropeço, espirro, bocejo, que podem transmitir uma impressão não condizente com a ação pretendida; expressões e gestos decorrentes de tensão ou nervosismo, como gesticular em excesso ou riso fora de propósito, comprometem a percepção do público quanto ao nível de interesse ou envolvimento do ator.

É certo que existe, também, conflito entre o “eu humano” e o “eu socializado”, que é o ator, e que pode ser tensionado e maximizado em um cenário ou situação de desconforto, levando o ator a uma incompatibilidade interna. Goffman acrescenta ao debate o conceito de ator “cínico”, que contrapõe ao de ator “sincero”. Neste, existe a crença no papel que irá desempenhar em oposição àquele que não crê na sua atuação, e que pode representar “cnicamente”, a) por interesses próprios, tentando, de forma calculada, enganar a plateia; b) porque, mesmo não acreditando na encenação, tem a convicção de que ela é a apropriada para a ocasião, c) porque acredita que a plateia não quer que ele seja, e não lhe permitirá ser sincero, e d) porque isso protegeria “sua personalidade íntima do contato com o público”. Novamente, de forma comparada, o cinismo corresponderia à uma redução que o senso comum muitas vezes efetua ao utilizar a expressão “retórica” apenas associada ao seu emprego vulgar. Isto revela apenas uma hipertrofia de um de seus aspectos.

O que se denomina comumente de demagogia, por exemplo, representa uma supervalorização do pathos, numa espécie de bajulação, de aliciamento do auditório com fins estritamente eleitorais, na qual o orador só fala o que o público quer ouvir. Não devemos confundir, contudo, este tipo de argumentação particularíssima e muitas vezes nefasta, com a retórica como um todo, cujas dimensões são muito mais amplas. (COELHO, 2009, p.21).

Se uma atuação cínica não decreta necessariamente a ocorrência de descontrole dos espasmos, gestos e expressões, ela, com certeza, instaura um ambiente muito mais frágil para os atores, porque nela estaria implícita uma desarmonia entre os elementos constituintes da representação.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO

Se quisermos, no entanto, aplicar o já exposto à área da Educação, podemos selecionar como exemplo, entre tantos possíveis, uma sala de aula de um curso de graduação e as interações possíveis neste cenário. Para isso, seria preciso, destarte, incluir nas nossas observações as considerações de Goffman relativas às relações entre *equipes*.¹

¹ Um pouco mais complexas, as análises do autor partem de estudos e comparações empíricas sobre os comportamentos em equipe e, embora o universo acadêmico pareça rico o suficiente para uma investigação, Goffman volta sua atenção mais

Tendo uma sala de aula como palco, podemos observar, num primeiro momento, a possibilidade de interação entre um ator principal/orador (docente) e uma plateia, formada por diferentes atores, que interagem, também, entre si, que são os discentes. Mas, este cenário pode ser visto, ainda, como uma interação entre duas equipes, sendo uma formada pelo professor, o ator principal, responsável pela difícil tarefa de concentrar em si três papéis, a saber: o seu eu individual, a fachada que escolhe para atuar como professor, e a fachada da instituição a qual representa, no caso a Universidade, que Goffman chamaria de “organização social”.

A outra equipe apresenta-se com uma espécie de fachada coletiva, e é formada pelos alunos, cuja ligação entre si acontece por meio de uma “dependência recíproca e recíproca familiaridade”.

[...] não precisa ser algo de natureza orgânica, que se desenvolve vagarosamente com o tempo em comum, mas é antes um relacionamento formal, automaticamente ampliado e recebido, tão logo o indivíduo tome lugar na equipe. (GOFFMAN, 2011, p.81).

Essa familiaridade promoveria a convivência e a cumplicidade da equipe. Agreguemos à discussão algumas particularidades deste cenário, que são: 1) o caráter hierárquico, inerente à condição de docente, que lhe dá o privilégio de certo controle sobre a situação; 2) o caráter recorrente da encenação, já que, diferentemente do modelo casual das considerações anteriores, as interações em sala de aula se dão continuamente, por certo tempo; 3) o fato de que a plateia pode ser formada por diferentes equipes, dada a possibilidade, na graduação, da participação em uma mesma turma, de alunos de diferentes turmas ou períodos, e 4) que o professor tem, a priori, a proteção de um discurso pré-definido, que é o conteúdo disciplinar.

Em sala de aula, a interação costuma ser estabelecida, inicialmente, a partir da linha de ação de cada docente, que tende a condicionar a linha *recíproca* de conduta dos demais atores. Levando em conta que cada aluno é um ator em particular, e considerando a hipótese de haver mais de uma equipe em uma mesma sala, podemos supor a existência de diversas linhas de interação, que se manifestam: entre professor e equipe (s); entre equipe e equipe (s); entre cada um dos atores individualmente; e de cada um destes com o professor.

Entretanto, embora, por razões hierárquicas e institucionais, o docente detenha um maior controle do cenário, podendo definir a linha de ação que irá determinar o tipo de interação, é importante atentarmos para Goffman, quando este afirma que:

precisamente para os setores comercial, hospitalar e esportivo. Ainda assim, podemos utilizar sua contribuição para tentarmos esboçar uma análise do ambiente citado.

[...] a definição da situação projetada por um determinado participante é parte integral de uma projeção alimentada e mantida pela íntima cooperação de mais de um participante. (GOFFMAN, 2011, p.76).

Esta afirmação parece dizer que, qualquer que seja a linha determinada pelo ator/orador/docente, ela necessita ser legitimada por outros atores da encenação para que possa ser mantida, o que, de certa forma, reduz o poder de controle da situação pelo docente. Podemos pensar nos limites deste poder, uma vez que este pode ser reduzido se pensarmos que, ao emitir o que deseja, o ator/orador o faz para todos, que recebem a comunicação enquanto equipe, mas, também, enquanto atores/indivíduos, podendo cada um, devido à subjetividade imanente à interação, fazer uma leitura diferente dos sinais emitidos.²

Duas coisas, no entanto, parecem contribuir para a manutenção das fachadas e das interações entre equipes dentro de sala: a continuidade dos encontros, que acabam por promover a naturalização dos acordos recíprocos, bem como um alinhamento nos mecanismos de defesa dos atores; e o discurso, ou conteúdo disciplinar que, funcionando como o texto dramático, possibilita a sustentação da representação sem exigir maior exposição pessoal dos atores. Ambas facultam algum grau de previsibilidade à encenação.

Resumindo, do exposto até aqui, é possível apreender que o indivíduo goffmaniano interage com os outros indivíduos a partir de fachadas e linhas de atuação, nas mais diversas situações, nas quais pode ser verificada uma aceitação consensual temporária, das fachadas e linhas uns dos outros.

Em cada situação posta, o ator (ou atores), ao introduzir fachada e linha determinadas - tidas como legítimas e validadas pelos outros atores - conduzirá as demais atuações, dando seqüência ao grande teatro que são as relações sociais, construído dos diversos atores, e que tende à eficácia contínua, desde que não haja ruptura nos acordos e consensos, provocada por uma mudança abrupta e inesperada na linha de um ator, ou por imprevistos e acidentes fora do controle dos atores, e desde que cada ação seja capaz de responder à pergunta tácita e permanente, presente em todas as interações: o quê significa isso?

No que tange ao objetivo de encontrarmos uma ligação entre o interacionismo e os estudos sobre retórica é importante ressaltar que, no interacionismo, pelo menos no de Goffman, o foco se

² Assim, se, por exemplo, na plateia, dois atores/alunos cochicharem entre si, esta ação poderá suscitar desconforto no ator/orador/professor, provocando uma ruptura no compartilhamento de significado dos códigos e uma alteração no curso da interação. Além disso, podemos, ainda, observar quebra na harmonia consensual da interação em ocasiões diversificadas. Como exemplos, temos, entre outros: 1) se alguém na plateia se dispuser a contradizer o ator principal/orador; ou 2) se o ator/orador se dirigir a alguém da plateia de forma inapropriada. Esses casos explicitariam uma ruptura no acordo tácito de compartilhamento dos códigos aceitos e pré-definidos de conduta, e tenderiam a provocar reações inesperadas dos diversos atores/equipes, criando uma relação conflituosa, tendo em conta a heterogeneidade da plateia sugerida aqui, para a situação.

centra mais, e quase que na totalidade, na maneira escolhida e nas ferramentas utilizadas pelo ator na emissão do que pretende comunicar, e menos nos argumentos ou discursos, que, não raro, objetivam convencer ou alterar um status quo instaurado. Assim, postulamos que, embora não sejam limites rígidos, há uma ênfase nos estudos de Goffman na parte não verbal do processo comunicativo, enquanto a retórica privilegiaria os aspectos verbais, discursivos.

Com relação aos aspectos educativos, com destaque neste trabalho para as interações na academia, vimos que as interações se tornam mais estruturadas, regulares, diferentes das relações esporádicas, corriqueiras, características da abordagem goffmaniana. Apresentamos, para tal enfoque mais estruturante, o seu conceito de *equipe*.

Para finalizar, gostaríamos de deixar algumas impressões, apontamentos, ou mesmo, interrogações. Pelo que foi exposto no trabalho, podemos inferir que a gama de interações cotidianas, ordinárias e corriqueiras que travamos não acontece num quadro de total espontaneidade. Elas estão sempre inseridas dentro de um contexto social mais amplo, através do qual são classificadas a partir de regras sociais prévias, muitas vezes, implícitas. Cenários, figurinos, fachadas, linhas etc. condicionam a dramatização de cada indivíduo, fazendo com que seu comportamento social se efetue dentro de determinados parâmetros, afirmadores ou negadores de normas. O que acontece, no entanto, é que as interações face a face, por serem episódicas, parecem mais fluidas, menos sujeitas às regras. Mas esse aspecto é enganoso. O interacionismo simbólico vem justamente nos mostrar todo um continente de sutilezas e condicionamentos a que estamos expostos.

Do mesmo modo, estas sutilezas se fazem presentes também em ambientes mais estruturados. Na academia, para além das interações mais óbvias, há sempre um conjunto naturalizado de acordos recíprocos que frequentemente passam despercebidos e não problematizados.

É interessante, muitas vezes, explicitar esses acordos tácitos, pois já que interações sociais são mediadas por regras, estas, uma vez estabelecidas, tendem a se tornar estáveis, coagindo a participação dos integrantes.

Em cada domínio, estas normas tendem a se cristalizar, tornando-se familiares, mas isto não quer dizer que sejam “naturais”, definitivas. Esta pode ser uma das explicações de porque mesmo os padrões sociais sendo francamente desfavoráveis a alguns dos membros do grupo social, os incômodos muitas vezes acabam não sendo expressos, inclusive no campo acadêmico. (COELHO, 2013, p.26).

Esperamos, assim, através da aproximação destas duas vertentes teóricas ter contribuído para o debate sobre a clarificação dos pressupostos de algumas interações humanas significativas. Para nós, é interessante entender a Educação dentro desse diálogo. Acreditamos que essa aproximação dos estudos da retórica e do interacionismo simbólico ainda poderá frutificar em novos e diversificados trabalhos.

REFERÊNCIAS

COELHO, Marcelo Báfica. *Por uma análise retórica das práticas educativas em programas de pós-graduação em educação* / Marcelo Báfica Coelho. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.98f.

COELHO, Marcelo Báfica; BANNELL, Ralph Ings. *Argumentação no Ensino Superior. Pós-Graduação: O local da Razão?* Rio de Janeiro, 2013. 241 p. Tese de Doutorado - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*; tradução de Maria Célia Santos Raposo. 18ª. edição – Petrópolis - RJ, Vozes, 2011.

_____. *Ritual de interação: Ensaio sobre o comportamento face a face*; tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. 2ª. edição – Petrópolis - RJ, Vozes, 2012.

PERELMAN, Chaïm. *O império retórico: retórica e argumentação*. Porto – Portugal, Edições ASA – 1ª edição 1993.